

A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: UMA LEITURA A PARTIR DO PROJETO EXISTENCIAL DE SARTRE

Selmo Haroldo Resende¹

ABSTRACT

A reflection is developed on the theme of the Education, starting from the philosophical postulates of Jean-Paul Sartre, presenting, in this perspective, some relative subjects to the educator's formation, in the quality of subject of this. It is sought, therefore, the discussion of the edification of the educator's formation, in the existential project, in the construction of himself, in quality of men, product and producer of the history.

Keywords: Jean-Paul Sartre, Philosophy of Education, Existentialism.

RESUMO

Desenvolve-se uma reflexão sobre o tema da Educação, a partir das postulações filosóficas de Jean-Paul Sartre, apresentando, nesta perspectiva, algumas questões relativas à formação do educador, na qualidade de sujeito desta. Visa-se, portanto, a discussão da edificação da formação do educador no projeto existencial, na construção de si mesmo, na qualidade de homem, produto e produtor da história.

Palavras-chaves: Jean-Paul Sartre, Filosofia da Educação, Existencialismo.

¹ Professor Assistente da Faculdade de Educação — Universidade Federal de Uberlândia.

I — INTRODUÇÃO

Este artigo desenvolve uma reflexão sobre o tema da Educação, no que se refere, especificamente, à questão da formação do educador, a partir das postulações filosóficas de Jean-Paul Sartre. Apresenta, nesta perspectiva, algumas questões relativas à edificação da educação e à formação do educador no projeto existencial, na construção de si mesmo, enquanto homem, produto e produtor da história.

O texto organiza-se em cinco partes: primeiro, apresentam-se rapidamente alguns conceitos que balizam o pensamento de Sartre, justamente para demarcar algumas fronteiras da análise; na segunda parte, apresenta-se o existencialismo de Sartre a partir de algumas categorias que, por sua vez, já remetem ao terceiro momento, cujo objeto recai sobre o projeto existencial e sua realização pelo homem. Em seguida é que se apresenta a discussão propriamente da educação inserida no projeto humano. Finalmente, traçando algumas considerações finais, utiliza-se o conceito dos possíveis justamente para colocar ênfase no fato de que a educação possui seu campo de possíveis e situa-se no campo dos possíveis da humanidade.

II — DELIMITANDO A REFLEXÃO: APORTES NOS CONSTRUCTOS TEÓRICOS DE SARTRE

Sartre mostra, pelo tema do Humanismo, uma subjetivação enfática do homem, mostrando que este é, antes de qualquer coisa, um projeto que se vive subjetivamente. O projeto é uma existência que se constrói através da escolha, da ação. Cada um realiza a sua parte no projeto todo, que é a humanidade. Ou seja, a existência humana é a construção do projeto humano, que é feito por todos.

Assim, todos os conceitos e categorias filosóficas de Sartre partem da subjetividade. O homem é e será exatamente aquilo que quiser ser, sendo este querer uma decisão consciente, que envolve toda a humanidade. Para Sartre, a liberdade é a condição do ser. E a liberdade só tem sentido se pensada a partir da escolha, da ação humana. Do contrário, será somente uma palavra, se não for tomada nesta perspectiva.

Nada existe sem a existência humana. É a partir da subjetividade que o homem, em suas escolhas, atitudes, movimentos, é forjado. O homem se constitui homem fazendo-se homem, tornando a sua existência humana. É edificando o projeto que tem para si e para a humanidade, como consequência, que o homem torna-se homem, sendo o futuro de si mesmo.

O Existencialismo, para Sartre, é uma doutrina que torna a vida humana possível, declarando que toda a verdade e toda a ação implicam um meio e uma subjetividade humana. A pedra de toque da existência humana é a subjetividade, ou seja, parte-se sempre da subjetividade, o que quer dizer que a existência precede a essência.

O homem é aquilo que ele mesmo faz de si, quer dizer, o homem não é apenas como ele se concebe, mas como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja e se projeta depois do impulso para a existência. O homem não é senão aquilo que ele faz. E para que o homem seja é preciso, antes que ele exista. Assim, o homem se lança para o futuro, se projeta conscientemente no futuro.

Deste modo, o homem é responsável pelo que é. Todo homem tem o domínio daquilo que ele é, sendo-lhe atribuída, no existencialismo, a total responsabilidade pela sua existência. No entanto, esta responsabilidade não é restrita ao âmbito individual, mas se estende a toda a humanidade. O homem escolhe a si próprio, mas ao escolher a si próprio, escolhe toda a humanidade.

Assim, se a existência precede a essência e se ao escolher todos os homens o homem escolhe-se a si mesmo, para que ele exista na construção de sua imagem, esta imagem tem validade para todos e para todo o seu tempo de existência humana, já que esta existência é um projeto que se faz. Então, quando se pensa no humanismo, deve-se pensar no existencialismo, considerando que a existência precede a essência e, neste sentido, o ser do homem consiste na construção de sua própria essência.

Na realidade, as coisas serão tais como o homem tiver decidido que elas sejam. Nesta assertiva, pode-se perceber que Sartre estabelece que a decisão do homem será mediada pela escolha que terá como resultado uma ação. Quer dizer, o homem na construção de sua existência terá que, necessariamente, escolher. Nunca é possível não escolher, mesmo não escolhendo o homem acaba ainda escolhendo.

Não há como evitar a escolha. E qualquer que seja a escolha, o homem está nela implicado, assim como a humanidade inteira, já que toda escolha parte da duplicidade de que é geral e particular.

Neste sentido, só há realidade na ação. O que permite ao homem viver é o ato. É na ação humana que o projeto escolhido terá sua realização efetivada. São nestas ações mediadas pela escolha que o homem se faz. Deste modo, não poderia o homem escapar ao sentimento da angústia advindo de sua total e profunda responsabilidade. No entanto, a angústia não é o impedimento da ação, mas é a própria condição da ação.

A angústia faz parte da ação, não é um véu que separa o homem da ação, mas pela responsabilidade direta que é colocada frente à humanidade envolve a ação em suas múltiplas possibilidades, que redundarão em efeitos, resultados. Neste sentido, ao passo em que o homem se envolve na responsabilidade frente à humanidade, condena-se à sua própria liberdade. Ou seja, uma vez que se lança no mundo, se responsabiliza por tudo quanto fizer. O existencialismo não acredita na força de coisas ou acontecimentos, mas na responsabilidade que o homem tem por tais coisas e acontecimentos, sendo, a todo instante, condenado a inventar-se na sua liberdade.

Deste modo, os elementos que Sartre utiliza para a composição de sua teoria são aqueles que gravitam em torno do tema Humanismo. Em última instância o tema que Sartre escolhe para sua filosofia é a moral, enquanto um conjunto de preceitos que serve para pensar a existência do homem, a ação humana. A ação do homem na construção do projeto que ele delinea para si é pensada com base na moral. Esse projeto é a existência que se constrói através da escolha, da ação.

Cada um realiza a sua parte no todo deste projeto que é a própria humanidade. Assim, a existência humana se faz através da responsabilidade, do compromisso. Para Sartre, só existe um homem, aquele que tem consciência de si e que por isso mesmo, é autêntico. A existência precede a essência. O ser do homem é a construção de sua essência e nessa construção o homem é livre para escolher.

Enfim, os conceitos de Sartre partem da subjetividade, do sujeito no mundo humano, assim, suas proposições filosóficas são tecidas no emaranhado que constrói sobre estes conceitos. É sobre esta base filosófica que a reflexão presente neste trabalho foi

desenvolvida, enfatizando especialmente o conceito de projeto a partir do existencialismo no tema da educação na questão específica da formação do educador.

III — PONTUAÇÕES SOBRE O EXISTENCIALISMO DE SARTRE

O existencialismo ao qual Sartre se associa diz respeito a um existencialismo contrário àquele que nega o movimento real da práxis em direção apenas à abstração de uma subjetividade, íntima e refinada, fugindo, assim, à sua própria objetividade sob o fascínio de um presente inebriante, em que não se cogita o futuro.

Sartre define o existencialismo como uma doutrina filosófica que possibilita a vida humana e que, ao mesmo tempo, declara que toda a verdade e toda a ação implicam um meio e uma subjetividade humana. Em outras palavras, o existencialismo constitui-se numa filosofia que torna possível a humanidade, entendendo que o homem, por intermédio de sua ação consciente, edifica sua existência, realizando-se e realizando a própria humanidade. Assim, a verdade é algo que torna-se, que é e será um devir.

Neste sentido, Sartre enceta uma crítica contundente ao que ele chama de marxismo preguiçoso, mesmo reconhecendo que há nele uma provisão de fundamentos teóricos, abarcando toda a atividade humana. No entanto, Sartre acredita que este tipo de marxismo não vai além disso; para ele, seus conceitos funcionam como ditames, verdadeiras camisas-de-força conceituais, seu intuito não se constitui mais que a aquisição de um saber absoluto.

Assim, o existencialismo se manteve, justamente por reafirmar a realidade dos homens. Na verdade, tanto o existencialismo como o marxismo visam ao mesmo objeto: a vida do homem. Porém, o marxismo escolástico conservou o homem na idéia, ao passo que o existencialismo o localiza em todos os lugares onde ele possa estar, na rua, no campo, no trabalho, na escola, enfim, na vida experimentada em cada tempo e em cada espaço. E Sartre adverte: "O marxismo concreto deve examinar a fundo os homens reais e não dissolvê-los num banho de ácido sulfúrico" (SARTRE, 1967, p.41). Ou seja, não se pode destituir a história do homem, submetendo as idéias ao homem

e às coisas, de modo a promover um enquadramento num esquema de determinações que se situam em ocasionais e casuais acontecimentos; pois, assim, o homem acaba por ser moldado pelo condicionamento operante, sendo reduzido a um conjunto possível de respostas frente a estímulos do meio social. Nega-se, portanto, o real e a própria humanização do homem em nome da idealização da filosofia. E, entretanto, na realidade, tratam-se de homens reais e suas ações concretas, e não com forças físicas cujos efeitos vão depender do sistema no qual elas são exercidas. São os homens que fazem, fazendo-se e produzindo suas relações.

Deste modo, o existencialismo se nega a abandonar a vida real à sorte de acasos impensáveis, contemplando uma universalidade que se exaure na reflexão indefinida de si mesmo, universalidade esta que corresponde à outra universalidade: a economia propriamente dita. O que o existencialismo busca é “encontrar as mediações que permitem engendrar o concreto singular, a vida, a luta real e datada, a pessoa a partir das contradições gerais das forças produtivas e das relações de produção” (SARTRE, 1967, p. 51).

O existencialismo busca restituir a função e as múltiplas dimensões do acontecimento histórico, no intuito de afirmar a sua especificidade, recusando concebê-lo como mera justaposição contingencial de uma significação apriorística. A história só existe com homens reais, vivos.

O objeto do existencialismo (...) é o homem singular no campo social, em sua classe no meio dos objetos coletivos e outros homens singulares, é o indivíduo alienado, reificado, mistificado, tal como o fizeram a divisão do trabalho e a exploração, mas lutando contra a alienação por meio de instrumentos falsificados e, a despeito de tudo, ganhando pacientemente terreno. (SARTRE, 1967, p.109)

O existencialismo considera na totalização dialética as ações, o trabalho, as paixões, os desejos, as carências tanto quanto as categorias da economia. Repõe o agente ou o acontecimento no conjunto da história, definindo-o em relação à orientação do devir e determinando, de modo exato, o sentido do presente. Nessa

perspectiva, Sartre propõe seu método de aproximação existencialista, definindo-o como um método regressivo-progressivo e analítico-sintético. É uma proposição eurística, visto que se caracteriza por um sentido lógico, num conjunto de regras e procedimentos que possibilita novas descobertas na ampliação da visão do homem no mundo. É o trânsito simultâneo entre o objeto e a época.

IV – O PROJETO EXISTENCIAL

Antes de qualquer coisa, o homem é um projeto que se vive subjetivamente, de modo que não há nada anterior a este projeto. E, assim, o homem será, antes de mais nada, o que tiver projetado ser, tendo, pois, responsabilidade por aquilo que é, especialmente se se considera que a existência precede a essência.

A construção da imagem do homem é válida para toda a humanidade e para toda a época na qual ela é construída. Ora, quando se diz que o homem tem responsabilidade por si próprio não se quer dizer que tal responsabilidade se limita à sua individualidade, mas estende-se a todos os homens, envolve a humanidade inteira.

Deste modo, o projeto da humanidade passa necessariamente pela mediação do subjetivismo, entendido como impossibilidade para o homem de superar a subjetividade humana, sendo este o profundo sentido que o existencialismo atribui à subjetividade: “Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens” (SARTRE, s/d, p.219).

A história é feita pelo homem, o que implica argumentar que o homem se objetiva na história e na história se aliena. Assim, a história, que é a ação própria de toda a atividade de todos os homens, pode parecer uma força estranha, à medida que estes homens não reconhecerem o sentido do empreendimento de sua ação no resultado total e objetivo de fazer e apoderar-se da história, enquanto sujeitos.

Sartre diz que o esforço teórico e prático do existencialismo deve ser o de tornar o futuro de totalização da história cada dia mais próximo, unificando a pluralidade dos sentidos da história: “nossa

tarefa histórica, no seio deste mundo polivalente, é a de aproximar o momento em que a história só terá um único sentido e em que ela tenderá a se dissolver nos homens concretos que a farão em comum” (SARTRE, 1967, p.76).

É no traçado deste sentido que Sartre empreende o conceito de projeto, tendo por fundamento e substrato a própria concepção do ser humano, ou seja, aquele que transforma o mundo a partir das condições postas. Para Sartre “o homem caracteriza-se antes de tudo pela superação de uma situação, pelo que ele chega a fazer daquilo que se fez dele, mesmo que ele não se reconheça jamais em sua objetivação” (SARTRE, 1967, p.77).

A superação que o homem opera na situação dada reside, em primeiro lugar, na especificidade do humano e, depois, na própria carência, na falta. A ausência (carência, falta), por sua vez, exprime o dado, a situação social e nela já está contido o esforço para a superação da própria situação. Desta maneira, o projeto se caracteriza pelo que “a conduta mais rudimentar deve ser determinada ao mesmo tempo em relação aos fatores reais e presentes que a condicionam e em relação a certo objeto a vir que ela tenta fazer nascer” (SARTRE, 1967, p.77).

Define-se, pois, o movimento duplo que descreve ao mesmo tempo avanço e recuo em relação ao que é dado, ou seja, a práxis é negação frente ao objeto que se tem em vista, recai sobre o que não existe, o que não foi, o que não é. Então, o projeto guarda e revela a realidade superada, negada pelo próprio movimento que a supera, posto que fazer uma ação implica necessariamente em negar o existente, recusar a realidade posta em função do que não existe.

Com efeito, a práxis se constitui numa passagem do objetivo ao objetivo mediatizada pela interiorização. O projeto, na tensão entre as condições objetivas do meio e as estruturas objetivas das possibilidades, representa propriamente a unidade em movimento da subjetividade e da objetividade, determinações fundamentais da ação do homem. Neste sentido, o subjetivo aparece necessariamente como um momento sem o qual o processo objetivo não se efetivaria. Nas palavras de Sartre: “O subjetivo retém em si o objetivo que ele nega e que supera em direção de uma objetividade nova; e esta nova objetividade, na sua qualidade de objetivação, exterioriza a

interioridade do projeto como subjetividade objetivada" (1967, p.81-2).

É somente o projeto, entendido como mediação entre os dois momentos da objetividade, que pode abarcar a história, a criatividade humana, uma vez que, então, o vivido enquanto tal encontra seu lugar no resultado e o sentido projetado da ação se apresenta na e para a realidade do mundo assumindo sua verdade no processo de totalização.

Assim, é na superação do que está posto rumo ao campo dos possíveis e na realização de uma possibilidade, entre todas, que o indivíduo se objetiva, contribuindo para fazer a história. Devolve-se, então, ao homem singular seu poder de superação pelo trabalho e pela ação, sendo somente os atributos do projeto humano capazes de permitirem a compreensão deste resultado como sendo uma nova realidade provida de significação própria.

Somente esta solução permite fundar no real o movimento de totalização: a dialética deve ser procurada na relação dos homens com a natureza, com 'as condições de partida' e nas relações dos homens entre si. É aí que ela encontra a sua origem como resultado do confronto dos projetos. (SARTRE, 1967, p.83)

V – A EDUCAÇÃO NO PROJETO HUMANO: A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

O projeto designa certa atitude do homem em relação ao dado a partir da inexistência, que será, deste modo, o vetor do próprio projeto, no sentido de recusar o que está objetivado em função de uma outra objetividade, objetivando, por conseguinte, a subjetividade. Como pensar, então, a educação no âmbito do projeto existencial? O que é o indivíduo educador na negação do objetivado? Como se objetiva sua formação? Em que pesa sua subjetividade em sua formação continuada? Enfim, quem promove a formação do educador? Estas são questões que pretendem remeter o fenômeno educacional às postulações teóricas de Sartre, mas não se tem, aqui, a pretensão de respondê-las a fundo, esgotando-as no pensamento sartriano, busca-se, acima de tudo, examinar a questão da formação/capacitação

do educador, tendo como aportes teóricos constructos filosóficos de Sartre, exatamente no intuito de refletir sobre tais questões.

Assim, pensando a educação, é necessário compreendê-la no movimento da práxis, sendo fundamentalmente devir, atividade consciente com vistas à realização do projeto existencial. Deve-se entender que as contradições não são plasmadas, cristalizadas, sendo, pois, a práxis humana irreduzível.

Os homens constroem sua história sobre as condições reais anteriores e, portanto, são os homens que constroem e não as condições reais anteriores. São os homens que regem o mundo social, mas são justamente as condições existentes que fornecem as direções e a materialidade real das mudanças. É pela práxis humana que se promove a superação.

A educação, neste sentido, deve se consubstanciar num empreendimento humano. O educador deve ser formado/capacitado e para que esta formação/capacitação se processe é necessária a ação sobre os fatores que condicionam o educador, sobre as relações que o engendram, enquanto tal. E aqui se encontra a irreduzibilidade da práxis, relacionam-se, de um lado, as determinações externas e, de outro, a própria ação humana sobre o dado.

Assim, a educação deve ter um sentido para o educador, enquanto homem produto e produtor da história. E a necessidade de contínua formação será, nesta perspectiva, sentida pelo próprio educador que toma consciência de si mesmo, tornando-se, pela práxis, sujeito da educação. O educador deve reconhecer-se na educação e fazer desta seu próprio projeto de humanidade, tendo como referência as condições reais e objetivas nas quais a educação se encontra e também o seu papel no processo educacional.

É correto, pois, afirmar, parafraseando Sartre, que o educador é produto da sua educação. A verdade de um educador é a natureza de seu trabalho, que é definido na própria medida em que promove a superação constante pela sua prática educativa, uma vez que tal superação só pode ser pensada como uma relação daquilo que existe com outras tantas possibilidades.

É mister a consideração do papel do indivíduo no acontecimento histórico, no caso, do educador neste acontecimento histórico que é a educação; este papel não se define de maneira peremptória e

definitiva, é algo que vai sendo determinado pela estrutura do grupo que, neste caso específico, lida com a educação. O grupo que faz o indivíduo, que por sua vez fez o grupo, confere-lhe sua eficácia e seu poder, sendo irredutivelmente particular ao grupo um modo determinado de viver a universalidade.

Produto de seu produto, modelado pelo seu trabalho e pelas condições sociais de produção, o homem existe ao mesmo tempo no meio de seus produtos e fornece a substância dos 'coletivos' que o corroem; a cada nível da vida um curto-circuito se estabelece, uma experiência horizontal que contribui para modificá-lo sobre a base de suas condições materiais de partida. (SARTRE, 1967, p. 67)

O educador vive não somente a educação, mas também toda a sua realidade circunstante, sendo-lhe explicitado, nesta experiência particular, que é a educação, os contornos de sua vivência real. Assim, o educador deve, tendo em vista a educação inserida no projeto existencial, reencontrar o movimento que engendra cada momento a partir do momento anterior, o que lhe proporciona o impulso resultante das capacidades vividas para, desta maneira, atingir a objetivação final. Ou seja, o educador deve inventar, pela subjetividade, uma movimentação transitória da objetividade à objetividade, superando, na descrição desse sentido, as obscuridades da educação. Desta maneira, o educador estará visando a produção de si mesmo, enquanto tal, como certa totalidade, posto que o projeto não é meramente uma negação e fuga do dado, mas está eivado de sentido e enfrentamento da realidade posta.

Neste ponto, entra em jogo a questão da escolha, quer dizer, de um modo ou de outro, sempre se escolhe, mesmo não escolhendo há escolha dentre todos os possíveis. E mais, qualquer que seja a opção, esta estabelece uma ligação com toda a humanidade. Assim, não será a pura e simples escolha abstrata do indivíduo ser educador que o distinguirá, mas sim a escolha de ser um educador de certa maneira para manifestar-se no mundo de determinado jeito, para agir na educação de um modo tal que lhe emprestará uma singularidade de significação na realização da educação em seu projeto existencial.

Assim, pode-se dizer, grosso modo, que o empenho e compromisso com sua própria formação/capacitação será a medida do significado de sua realização na educação. O educador se objetiva em sua prática educativa, ou seja, é naquilo que ele opta fazer em termos de práticas, objetivações pedagógicas que ele estará saindo de si, colocando-se no mundo, objetivando a sua subjetividade. Será, então a ação do educador, traduzida, por um lado, por sua prática pedagógica e, por outro, por sua contínua formação que poderá revelar o segredo de seu condicionamento.

Pensar a educação no âmbito do projeto existencial significa pensar o educador – sem desconsiderar as condições reais adversas do campo educacional, mas, ao contrário, identificando-as justamente como o campo de onde emanam as forças de superação – como sendo sujeito histórico de seu processo, responsável pelas escolhas que delineiam sua ação pedagógica.

É o educador que se faz educador, fazendo-se educador pela sua práxis. É no cotidiano de seus atos e escolhas que ele se constrói fazendo-se dessa ou daquela maneira, edificando um determinado tipo de educação no mundo, por intermédio e consequência de sua formação. Assim, o conhecimento do educador é um momento da práxis, mas trata-se de um conhecimento que se define pela recusa da realidade negada em nome da realidade a ser forjada, permanecendo subjugado ao ato de superação e ao mesmo tempo sendo nele subsumido.

Pode-se, deste modo, dizer que o educador é um partícipe do projeto existencial nos contornos circunscritos pela educação e, antes disso, pela própria humanidade, já que a educação constitui-se numa atividade eminentemente humana, o que a coloca no concurso da construção da humanidade no mundo; por isso, a educação é um aspecto particular do que Sartre designa projeto humano.

Em termos mais concretos é razoável argumentar que o educador estará tanto mais envolvido neste projeto quanto mais ele se comprometer com a sua formação, enquanto tal. Ora, é por intermédio da ampliação de seus conhecimentos, na continuidade de sua formação que o educador, enquanto sujeito da práxis educacional, estará cada vez mais habilitado a fazer e a assumir opções cada vez mais conscientes no projeto de construção da humanidade, com

capacidade, assim, de desvelar os referenciais que fundamentam sua prática na negação do dado em favor do não existente.

VI – A DIMENSÃO DO HUMANO: O CAMPO DOS POSSÍVEIS

O projeto existencial enquanto dimensão humana situa-se naquilo que Sartre designa o campo dos possíveis, ou seja, “o campo dos possíveis é o objetivo em direção ao qual o agente supera sua situação objetiva. E este campo, por sua vez, depende estreitamente da realidade social e histórica” (SARTRE, 1967, p.78).

Neste sentido, o campo dos possíveis é um campo fortemente estruturado, dependente da história inteira, envolvendo suas próprias contradições. É, pois, na superação do dado rumo a este campo e na realização de uma possibilidade dentre todas quantas se abrem que o indivíduo se objetiva contribuindo para a construção da história.

A possibilidade determina-se duplamente: de um lado, é a presença do futuro como algo que é ausente, revelando a realidade justamente por tal ausência; por outro lado, é o futuro real e permanente que promove a manutenção e a transformação constante da coletividade. O futuro se apresenta, assim, como possibilidade esquemática e sempre como ação imediata sobre o presente. Assim, a ação que se escolher efetivar no campo das possibilidades estará consubstanciando o futuro, visto que é este futuro que inspira, na realidade, as condutas. “O sentido de uma conduta e o seu valor não podem ser apreendidos senão em perspectiva pelo movimento que realiza os possíveis desvelando o dado” (SARTRE, 1967, p. 123).

Pode-se dizer, enfim, que o campo dos possíveis na e para a educação se abre para o educador, guardando, ao mesmo tempo, a superação e a negação da superação. Assim, o educador tem no campo de seus possíveis tanto a possibilidade de romper com as obscuridades da educação, no sentido de transformá-la e concebê-la como instrumento de libertação, como também a possibilidade de agir no extremo oposto desta possibilidade.

Mas, o que determinará a ação do educador? Não se pode olvidar que a ação educativa está diretamente vinculada a uma concepção de mundo, a uma forma de conceber o projeto social e

humano e a educação inserida neste projeto. Tal concepção é que norteará os vetores das possibilidades, descortinando o futuro na realização humana do projeto, concebido como um empreendimento cultural.

VII – BIBLIOGRAFIA

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

_____. *Sartre no Brasil: A Conferência de Araraquara* (Filosofia Marxista e Ideologia Existencialista). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Questão de Método*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.